

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 1) Jan. 2022

ARTE PALEOLÍTICA EM AMBIENTE GRANÍTICO NO VALE DO CÔA

6

19

**Porcelana chinesa
de Santa Clara-a-Velha**

**Os grafitos molinológicos
como objecto de estudo
etnoarqueológico**

**A ponte medieval do
Burgo de Vouga**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Pormenor da zona central da garganta da Faia, no Vale do Côa, onde se sinalizam as rochas gravadas n.ºs 6 e 19. A última é dada a conhecer nesta edição e confere um renovado interesse ao único local de geologia granítica com arte paleolítica conhecido no mundo.

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 25, tomo 1, Janeiro 2022

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.ptDistribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neóepica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número | Miguel Almeida, Lara Bacelar Alves, Luísa Batalha, Vera Caetano, Andreia Campôa, Guilherme Cardoso, João Muralha Cardoso, Fábio Capela, Bárbara Carvalho,

Vânia Carvalho, António Chény, Maria João Coelho, Mónica Corga, Miguel Filipe Correia, Luca Antonio Dimuccio, José d'Encarnação, Isabel Cristina Fernandes, Cristina Gameiro, Vanessa Gaspar, Telmo Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, António Gonzalez, Jéssica Iglésias, Catarina Cunha Leal, Paulo Lemos, Luís Seabra Lopes, Armando Lucena, Rui Morgado, Manuel Nunes, Dina Borges Pereira, Franklin Pereira, Adelaide Pinto,

Eduardo Porfírio, Nuno Ramos, Jorge Raposo, José Rebelo, Mário Reis, Jorge Resende, Maria do Céu Santos, Michelle Teixeira Santos, Miguel Serra, Sofia Silva, Rafael Sousa, Humberto Veríssimo e Maurizio Zambaldi.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Há precisamente um ano, no final de Janeiro de 2021, recebemos com surpresa e consternação a notícia da morte de Bruno Navarro, Presidente do Conselho Directivo da Fundação Côa Parque, à qual imprimiu uma assimilável dinâmica desde que ocupou esse cargo, em 2017. Dotado de uma visão estratégica clara e sólida para a Fundação e o Museu do Côa (ver, por exemplo, artigo que subscreveu na *Al-Madan* impressa n.º 22, em 2019), a sua perda antevia-se difícil de superar pela instituição e pela sua equipa de trabalho.

Felizmente, constatamos não ser isso que sucede, agora sob a gestão de Aida Carvalho, empossada em Março de 2021. A Fundação celebrou condignamente os 25 anos da criação do Parque Arqueológico do Côa em Agosto último, o Museu continua a proporcionar programas apelativos aos seus públicos e as equipas de investigação multidisciplinar instaladas na zona revelam frequentemente novas descobertas. Resultados e experiências foram partilhados, avaliados e debatidos com a comunidade científica nacional e internacional no 2.º *Symposium* do Côa, que o Museu organizou no passado mês de Dezembro, dedicando-o precisamente à gestão e conservação de sítios com arte rupestre. Mas, no plano científico, haviam ficado já evidentes na conferência proferida em Julho por três dos investigadores do Côa, André Santos, Miguel Almeida e Thierry Aubry, numa sessão organizada pela ADECAP - Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular cuja gravação pode ser consultada na Internet (<https://bit.ly/3rIY8B>). Conhecemos cada vez melhor os grupos de caçadores-recolectores que produziram as extraordinárias manifestações artísticas do Côa, o território e as condições ambientais em que o fizeram, bem como a sua integração num modelo cultural com vasta difusão regional.

Nas páginas desta *Al-Madan Online* ficamos agora a conhecer mais um achado excepcional, desta feita no sítio da Faia, onde, 18 a 20 mil anos antes de nós, alguém gravou habilmente um cavalo numa rocha granítica. É a primeira figura paleolítica conhecida nesse suporte em todo o mundo! O estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO ao Vale do Côa, em 1998, revela-se cada vez mais uma decisão de elementar justiça. O futuro reservar-nos-á seguramente novas descobertas, que consolidarão o sítio e o museu nos planos científico e museológico português e além-fronteiras.

Naturalmente, o Côa não esgota os temas que podem ser encontrados nas páginas seguintes. Trabalhos de arqueologia e antropologia biológica, a par de estudos de materiais e sítios patrimoniais de tipologia e cronologia muito diversificadas, complementados com noticiário de intervenções, eventos e edições recentes, proporcionarão seguramente boas horas de leitura.

Votos de que esta se faça com prazer e saúde, apesar das circunstâncias difíceis que continuamos a enfrentar.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2022

EDITORIAL...3 ►

CRÓNICAS

Reaccionário me confesso | José d'Encarnação...6 ►



A Arqueologia na Reabilitação Urbana: os silos encontrados no Centro Histórico de Moura | Vanessa Gaspar...38 ►

ARQUEOLOGIA



Uma Nova Rocha Gravada do Paleolítico Superior no Sítio da Faia (Vale do Côa) | Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Bárbara Carvalho, Vera Caetano e João Muralha Cardoso...9 ►

ARQUEOCIÊNCIAS

D. Maria de Menezes: um caso de vida e de morte no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha | Maria João Bernardes Coelho e Catarina Cunha Leal...49 ►



ESTUDOS

Memórias da China Imperial: porcelana chinesa de Santa Clara-a-Velha de Coimbra | Catarina Cunha Leal e Maria João Bernardes Coelho...57 ►

Portela 2 (Vale Brusco, Maceira, Leiria): primeiros resultados da campanha arqueológica de 2021 | Cristina Gameiro, Maurizio Zambaldi, Luca Antonio Dimuccio, Armando Lucena, Vânia Carvalho e Telmo Gomes...17 ►



O Sagrado e o Profano nos Azeviches de Santa Clara-a-Velha | Catarina Cunha Leal e Maria do Céu Santos...67 ►



Santuário Rupestre da Rua Marechal Teixeira Rebelo (Vila Real): uma evidência da ocupação proto-histórica na malha urbana antiga da cidade | Gerardo Vidal Gonçalves...27 ►

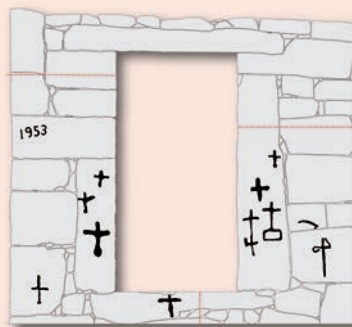


Um Artefacto Ideotécnico Involgar Encontrado no Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce (Monchique) | Fábio Capela, Andreia Campôa e Humberto Veríssimo...78 ►

ESTUDOS



Os Poderes Transcendentais dos Amuletos e Adornos Produzidos em Coral: da Antiguidade aos contextos arqueológicos modernos portugueses | Jéssica Alexandra Martins Teixeira Iglésias...87 ▶



Os Grafitos Molinológicos Como Objeto de Estudo Etnoarqueológico: o caso do Moinho da Devesa 1 (Nevogilde, Lousada) | Manuel Nunes e Paulo Lemos...96 ▶

PATRIMÓNIO

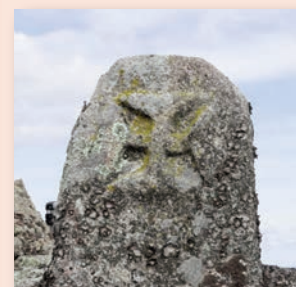


A Ponte Medieval do Burgo de Vouga: uma das grandes pontes construídas em Portugal no século XIII | Luís Seabra Lopes...117 ▶

Contributo Para o Estudo da Organização Territorial Durante o Baixo Império no Aro da Vila de Cinfães: proposta baseada numa arqueologia não intrusiva | Jorge Manuel Resende...106 ▶



Identidade e Poder: as cadeiras em couro lavrado do Museu da Presidência da República | Franklin Pereira...134 ▶



Alguns Marcos Graníticos da Ordem Militar de Malta no Território do Concelho de Sabrosa, Alto Douro Vinhateiro: primeiros resultados, evidências e enquadramento territorial | Gerardo Vidal Gonçalves e Dina Pereira...156 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Projecto Arqueológico do Outeiro do Circo (Beja): campanha de 2020 | Miguel Serra, Eduardo Porfírio e Sofia Silva...169 ▶

O Castelo de Montemor-o-Novo: resultados de trabalhos arqueológicos em 2020 | António Chéney...174 ▶

Associação de Espinha Bífida e *Foramen* Esternal num Indivíduo do Reguengo do Fetal (Batalha, Leiria) | Rui Morgado e Mónica Corga...177 ▶

Arqueologia Pública: ações de divulgação e interação com a comunidade local durante a campanha de 2021 na Portela 2 (Vale Brusco, Maceira, Leiria) | Cristina Gameiro, Maurizio Zambaldi e Armando Lucena...179 ▶

Relocalização e Documentação do Forno da Várzea (Arrabal, Leiria) | José Rebelo, Rafael Sousa e Nuno Ramos...182 ▶

Antigos Pesos de Rede de Pesca de Cascais e do Barreiro | Luísa Batalha, António Gonzalez e Guilherme Cardoso...184 ▶

EVENTOS

Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura (do Neolítico ao Período Medieval): Jornadas Internacionais em Palmela | Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos e Miguel Filipe Correia...186 ▶

Colóquio Projeto Arqueológico Outeiro do Circo 2008-2021 | Miguel Serra e Eduardo Porfírio...189 ▶

Workshop CastLe'21: da Arqueologia preventiva à investigação arqueológica | Vânia Carvalho, Miguel Almeida e Adelaide Pinto...191 ▶

Agenda de eventos...194 ▶

LIVROS & REVISTAS

A Quinta de Manique: História e Património no Concelho de Cascais | José d'Encarnação...195 ▶

Os Judeus na África Romana | José d'Encarnação...197 ▶

A Primeira Marinha de Guerra Romana | José d'Encarnação...198 ▶

Novidades editoriais...199 ▶

Uma Nova Rocha Gravada do Paleolítico Superior no Sítio da Faia (Vale do Côa)

ao ar livre e em ambiente granítico

Mário Reis ¹, Lara Bacelar Alves ², Bárbara Carvalho ², Vera Caetano ² e João Muralha Cardoso ³

1. INTRODUÇÃO

Desde a sua dramática revelação ao mundo em 1995, com a ameaça colocada pela construção de uma barragem, que a arte do Côa se revelou um dos principais conjuntos mundiais de arte rupestre. Situada no Nordeste de Portugal e abrangendo a área que rodeia o encontro do rio Côa com o rio Douro, a região do Côa alberga um imenso conjunto de superfícies rochosas decoradas, quase sempre em pleno ar livre, com alguns ocasionais abrigos rochosos pouco profundos, e maioritariamente em superfícies plenamente verticais de xisto, com pontuais exceções em superfícies com outras disposições e, por vezes, noutros ambientes geológicos, nomeadamente em suportes quartzíticos ou graníticos, numa região geomorfologicamente variada e paisagisticamente rica. A cronologia da arte rupestre da região é imensamente longa, estendendo-se quase continuamente desde o Paleolítico Superior até à actualidade, numa amplitude temporal de aproximadamente 30.000 anos e que se parece iniciar, pelo menos, no Gravettense (BAPTISTA, 1999, 2009). Os números do inventário não têm cessado de aumentar, com novas descobertas todos os anos. Em finais de 1998, quando a UNESCO tomou a decisão de declarar a arte do Côa como Património Mundial, eram conhecidas cerca de 240 rochas decoradas (abrangendo todos os períodos cronológicos) em 30 diferentes sítios (REIS, 2014). Presentemente, são conhecidos mais de 1360 registos (maioritariamente rochas, mas incluindo também alguns ocasionais registos noutros suportes, como arte móvel ou blocos soltos com restos de decoração) em 97 sítios, dispersos por uma área que abrange, aproximadamente, os últimos 30 km do rio Côa e os 17 km adjacentes do rio Douro,

RESUMO

Os autores dão notícia do aparecimento de uma nova figura do Paleolítico Superior, gravada ao ar livre e em suporte granítico no vale do rio Côa, que vem enriquecer as manifestações artísticas declaradas Património Mundial pela UNESCO. Ocorreu no sítio da Faia, uma profunda garganta caracterizada por elevada monumentalidade paisagística, distinta no contexto local. O número de rochas paleolíticas neste sítio sobe para três, com características estilísticas que indicam uma diacronia entre os finais do Gravettense e o início do Magdalenense (20 a 18 mil anos atrás, aproximadamente). A nova rocha paleolítica confere um renovado interesse ao único local de geologia granítica com arte paleolítica conhecido no mundo.

PALAVRAS CHAVE: Arte rupestre; Paleolítico superior; Vale do Côa.

ABSTRACT

The authors mention the appearance of a new Upper Palaeolithic engraved on granite outdoors, in the Côa Valley, which enriches local artistic manifestations declared World Heritage by UNESCO. The new finding was identified at the Faia site, a deep gorge characterised by its unique monumentality in the local context. As a consequence, there are now three Palaeolithic rocks at the site, with stylistic characteristics that indicate a diachrony between the late Gravettian and early Magdalenian (20 to 18 thousand years ago, approximately). The new Palaeolithic rock constitutes a renewed source of interest of the world's only site featuring rock art on granite.

KEY WORDS: Rock art; Upper Palaeolithic; Côa Valley.

RÉSUMÉ

Les auteurs révèlent l'apparition d'une nouvelle forme datant du Paléolithique supérieur, gravée à l'air libre sur un support granitique de la vallée de la rivière Côa, qui vient enrichir les manifestations artistiques déclarées Patrimoine mondial par l'UNESCO. Cela s'est passé sur le site de Faia, une gorge profonde caractérisée par une hauteur de paysage monumentale, particulière dans le contexte local. Le nombre de roches paléolithiques sur ce site s'élève à trois, avec des caractéristiques stylistiques indices d'une diachronie entre la fin du Gravettien et le début du Magdalénien (vingt à dix-huit mille ans plus tôt, approximativement). La nouvelle roche paléolithique confère un intérêt renouvelé à l'unique lieu de géologie granitique possédant de l'art rupestre connu dans le monde.

MOTS CLÉS: Art rupestre; Paléolithique supérieur; Vallée du Côa.

¹ Fundação Côa Parque (marioreis@arte-coa.pt).

² CEACCP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra (lara.b.alves@ucp.pt; barbaracarvalho80@gmail.com; vera.mcaetano@gmail.com).

³ Universidade Nova, FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (jmuralha@gmail.com).

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

FIG. 1 – Localização do sítio da Faia em Portugal e na Península Ibérica.



para ambos os lados da embocadura do Còa¹. O sítio da Faia ganhou imediatamente uma notoriedade considerável no conjunto da arte do Còa e mais além, mantendo-se ainda hoje como o único sítio conhecido com arte rupestre paleolítica em ambiente granítico no mundo.

O aparecimento de novas rochas decoradas é assim uma tendência que se mantém na região do Còa. Algumas das recentemente identificadas que mereceram destaque em publicações não apareceram em trabalhos de prospecção, mas antes em escavação arqueológica de sítios com arte rupestre, como no caso de duas novas rochas paleolíticas enterradas no terraço fluvial da Penascosa (AUBRY *et al.*, 2020d: 123-127; AUBRY *et al.*, 2021) ou a mais recente escavação da rocha 9 do Fariseu (AUBRY *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c). Ambos os casos, e com maior relevo para os extraordinários resultados da escavação no Fariseu, vieram trazer novidades relevantes sobre a arte paleolítica do Còa, numa constante renovação da informação neste complexo rupestre.

A nova rocha decorada da Faia, que agora trazemos a público, resulta de uma situação mais tradicional de descoberta por prospecção, e reúne alguns aspectos que a tornam um achado interessante e distinto no conjunto da arte do Còa. Foi identificada por Bárbara Carvalho no dia 25 de Outubro de 2021, numa acção de trabalho no âmbito do projecto “LandCRAFT - os contextos socioculturais da arte da Pré-História Recente no vale do Còa”² (ver ALVES, 2020), e que se segue a um projecto anterior já terminado, Art-Facts (ALVES *et al.*, 2014; REIS *et al.*, 2017), com um tema similar. O trabalho tinha por objectivo realizar documentação fotográfica de pormenor das rochas pintadas da Faia, e o achado de uma nova rocha paleolítica foi, obviamente, entusiasmante e bem-vindo, mas exterior aos objectivos estritos do projecto. Por isso mesmo, decidimos proceder desde já à divulgação pública desta nova descoberta.

¹ Estes últimos números estão ainda inéditos, num inventário em constante evolução, mas decorrem do conhecimento directo que os autores detêm da realidade do inventário da arte do Còa e da sua distribuição territorial.

² Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do mencionado projecto com a referência COA/OVD/0055/2019.

2. FAIA: UM SÍTIO COM ARTE PALEOLÍTICA DE CARACTERÍSTICAS SINGULARES

Um dos primeiros sítios a ser identificado no conjunto da arte do Còa, a Faia corresponde a uma apertada garganta no rio Còa, aproximadamente a 17 km de distância da foz deste rio e em ambiente geológico granítico, fortemente contrastante com a geologia xistosa onde se encontra a imensa maioria dos inúmeros vestígios da arte do Còa, nas margens do Còa e do Douro no entorno da embocadura do Còa. Ao longo dos anos, foram sendo inventariadas um total de 18 rochas decoradas no sítio, de cronologias e técnicas bastante variadas, entre motivos picotados modernos, pinturas pós-glaciares e gravuras picotadas do Paleolítico Superior, estas por vezes executadas em eventual conjugação com pintura a vermelho (ver BAPTISTA, 1999: 152-160; REIS, 2012: 46-48). A nova rocha descoberta fica agora designada como rocha 19 da Faia e junta-se ao reduzido, mas muito importante lote de rochas e motivos paleolíticos neste sítio.

As pinturas pós-glaciares da Faia integram os objectivos de estudo do LandCRAFT e, junto com outros sítios pintados na região, formam um notável conjunto dentro da pintura pré-histórica peninsular, que merecerá atenção detalhada em publicações futuras. Assim, concentrando-nos agora especificamente na arte paleolítica da Faia, à qual o novo achado se vem juntar, esta apresenta um conjunto de características que a tornam distinta dentro da arte do Còa e lhe conferem notoriedade bem para além da região, justificando assim o relevo agora concedido à descoberta da rocha 19.

O sítio rupestre define-se como um troço de apertada e profunda garganta, distendido quase linearmente na direcção Sul-Norte e delimi-



tado nas extremidades por duas zonas mais abertas, onde em ambas as margens afluem pequenas ribeiras cuja acção erosiva interrompeu o vale abruptamente fechado de permissão, formando limites geomorfologicamente bem definidos. É nestas zonas abertas nas extremidades que se congregam as rochas modernas conhecidas, associadas a vários antigos moinhos de água instalados desde tempos imemoriais nas margens do Côa, de que restam ruínas. O sítio estende-se por aproximadamente 2300 m entre os limites Norte e Sul, e a zona intermédia mais fechada, onde se encontram todas as rochas pré-históricas inventariadas, por aproximadamente 1450 m.

A profundidade do vale, entre a orla superior das encostas e o leito do rio, ronda os 200 m. As encostas encontram-se preenchidas por inúmeros afloramentos ao longo de todas as altitudes, em diversas zonas formando elevadas falésias quase verticais e, na verdade, todo o sítio é extremamente rochoso, com uma quantidade infinta de superfícies graníticas, muitas delas com excelentes condições para a realização de arte rupestre. As encostas sobre a zona intermédia de garganta têm pendentes extremamente elevadas, que podem superar os 90 % de inclinação. No fundo do vale, a largura fica-se por escassas dezenas de metros. As margens são quase uniformemente rochosas, pontualmente interrompidas por pequenas praias de areia. O leito do rio é ladeado por bancadas horizontais pelas quais é possível circular, mas há algumas zonas com falésias rochosas directamente sobre o leito, condicionando a circulação à margem oposta. Assim, cerca de metade da garganta tem que ser percorrida numa margem e a outra metade na margem oposta, com o principal ponto de passagem a ocorrer aproxi-

FIG. 2 – Panorâmica da garganta granítica da Faia, a partir de Sul. A seta assinala a zona central do sítio onde, num espaço de aproximadamente 200 metros, se localizam as três rochas com figuras paleolíticas (todas as fotografias apresentadas no texto são dos autores).

madamente a meio da garganta e precisamente no ponto onde se congrega o maior conjunto de rochas com decoração pré-histórica, incluindo duas das rochas paleolíticas (entre as quais a nova rocha 19). Um último factor com relevância no tocante às condições de circulação ao longo das margens consiste no caos de grandes blocos tombados das encostas ao longo dos tempos e que densamente preenchem grande parte do leito e das margens, tornando a marcha ainda mais lenta e penosa. Somando todas as árduas dificuldades para caminhar no local, é habitual demorar-se mais de uma hora para percorrer os cerca de 700 m ao longo da margem esquerda que medeiam entre a primeira rocha com pinturas pré-históricas que surge no percurso (rocha 1) e a zona central do sítio, onde surge o principal ponto de passagem entre margens e se congregam diversas rochas decoradas. A arte paleolítica da Faia insere-se plenamente neste contexto de condições naturais notavelmente agrestes, mas também de grande monumentalidade paisagística. As duas primeiras rochas com gravuras paleolíticas foram identificadas em 1995, juntando-se a várias outras com pinturas anteriormente descobertas e conferindo imediatamente um crescendo de notoriedade científica ao sítio. As rochas 6 e 7, como foram inventariadas, situam-se na zona central e mais dificilmen-

te acessível da garganta. A rocha 6 encontra-se na margem esquerda e no ponto fulcral da garganta, simultaneamente onde esta é mais rochosa e monumental e onde a circulação ao longo de uma margem é forçosamente interrompida, sendo imperativo atravessar precisamente em frente a ela. A rocha 7 encontra-se 200 m para Sul e na margem direita, pelo que a passagem de uma rocha para a outra não só implica atingir a zona mais agreste, como também passar o rio, algo dificilmente realizável nas alturas pluviosas do ano em que o nível do Côa sobe, por vezes muito acentuadamente, facilmente transitando de um débil e quase seco curso de água para um rio bravo e imensamente caudaloso.

Recentemente publicada com detalhe (SANTOS, LUÍS e AUBRY, 2019), a rocha 7 da Faia é um caso algo distinto da típica arte paleolítica de ar livre pela qual a região do Côa se notabili-

za. O painel decorado situa-se na entrada de um abrigo sobre a margem, formado pela justaposição de blocos de enorme dimensão tomados das encostas. Encontra-se fortemente polido e boleado pela passagem das águas que regularmente atingem o abrigo em alturas de cheia, com um formato côncavo e irregular que contrasta com a habitual plena verticalidade da generalidade dos painéis decorados na região, incluindo o da vizinha rocha 6. Apresenta uma grande figura picotada de uma cerva, aproveitando o formato do painel para modelar o corpo, em posição quase vertical e de cabeça para baixo, com um pequeno signo por cima do dorso. Como o painel se encontra numa zona de transição entre a luz do exterior e a penumbra do abrigo, todo o conjunto faz recordar os frequentes jogos entre os formatos de painéis e o posiciona-



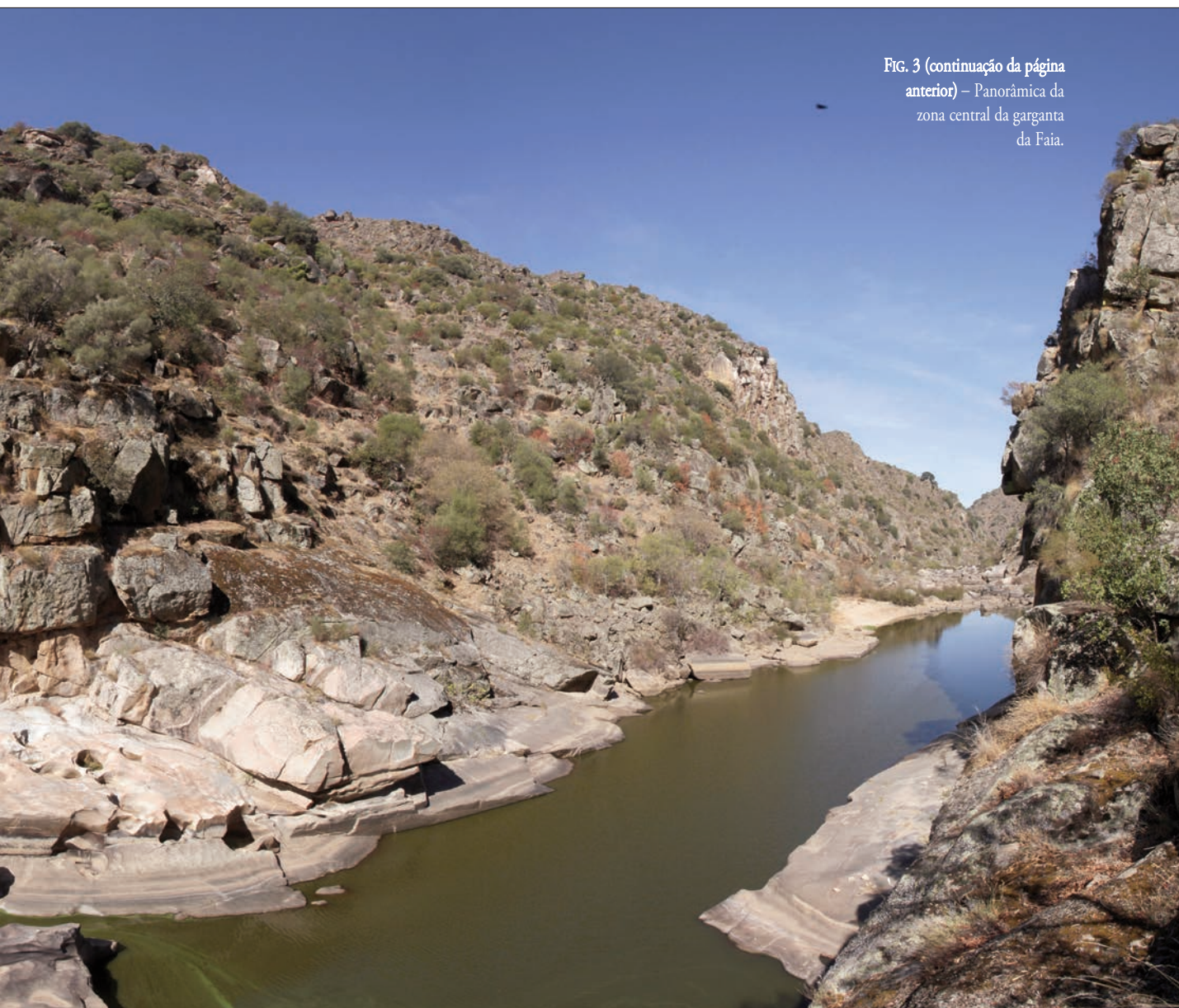
FIG. 3 – Panorâmica da zona central da garganta da Faia. Os números indicam a localização das respectivas rochas 6 e 19 e a seta marca a posição aproximada da rocha 7. Note-se a noção de escala fornecida pela pessoa em frente à rocha 6 (pormenor ampliado em cima).

mento de motivos paleolíticos em muitas das grutas decoradas ao longo da Europa.

Pelo contrário, as figuras paleolíticas da rocha 6 surgem num painel vertical em pleno ar livre, numa das rochas mais originais e mais conhecidas dentro do imenso conjunto da arte do Côa (BAPTISTA, 1999: 154-157; BAPTISTA, 2009: 72-73). Uma das suas principais distinções, que se mantém como absolutamente única dentro da arte do Côa, é a mistura técnica, nalgumas figuras, entre a picotagem com que foram delineadas e a pintura, geralmente aplicada no interior do traço gravado. Mantém-se a dúvida se a exclusividade desta conjugação técnica na rocha 6 da Faia se deve ao facto de efectivamente apenas ter existido aqui, ou se poderá ter havido mais casos ao longo da região, mas conservando-se apenas na rocha 6 por excepcionais condições de preservação. Igualmente em dúvida mantém-se a apreciação cronoló-

gica sobre a pintura preservada nestas figuras paleolíticas: terão a gravura e a pintura sido executadas na mesma ocasião? Ou a aplicação de pigmento vermelho sobre os traços gravados terá ocorrido posteriormente? Nesta última hipótese, é plausível pensar que poderia ter sido aplicada em tempos pós-paleolíticos, eventualmente na mesma altura em que foram pintadas nos mesmos painéis algumas figuras antropomórficas típicas da Arte Esquemática da Pré-História Recente, com uma cronologia provável entre os V e III milénios a.C., e com um pigmento similar ao que surge nas figuras paleolíticas. Ambas as hipóteses são possíveis. No entanto, o facto de em algumas das cabeças de auroques paleolíticos gravados e pintados aparecerem, no interior das representações, alguns traços pintados mas não previamente gravados, formando pequenos detalhes junto à boca, num recurso estilístico absolutamente típico da arte paleolítica e bem conhecido em muitas

FIG. 3 (continuação da página anterior) – Panorâmica da zona central da garganta da Faia.

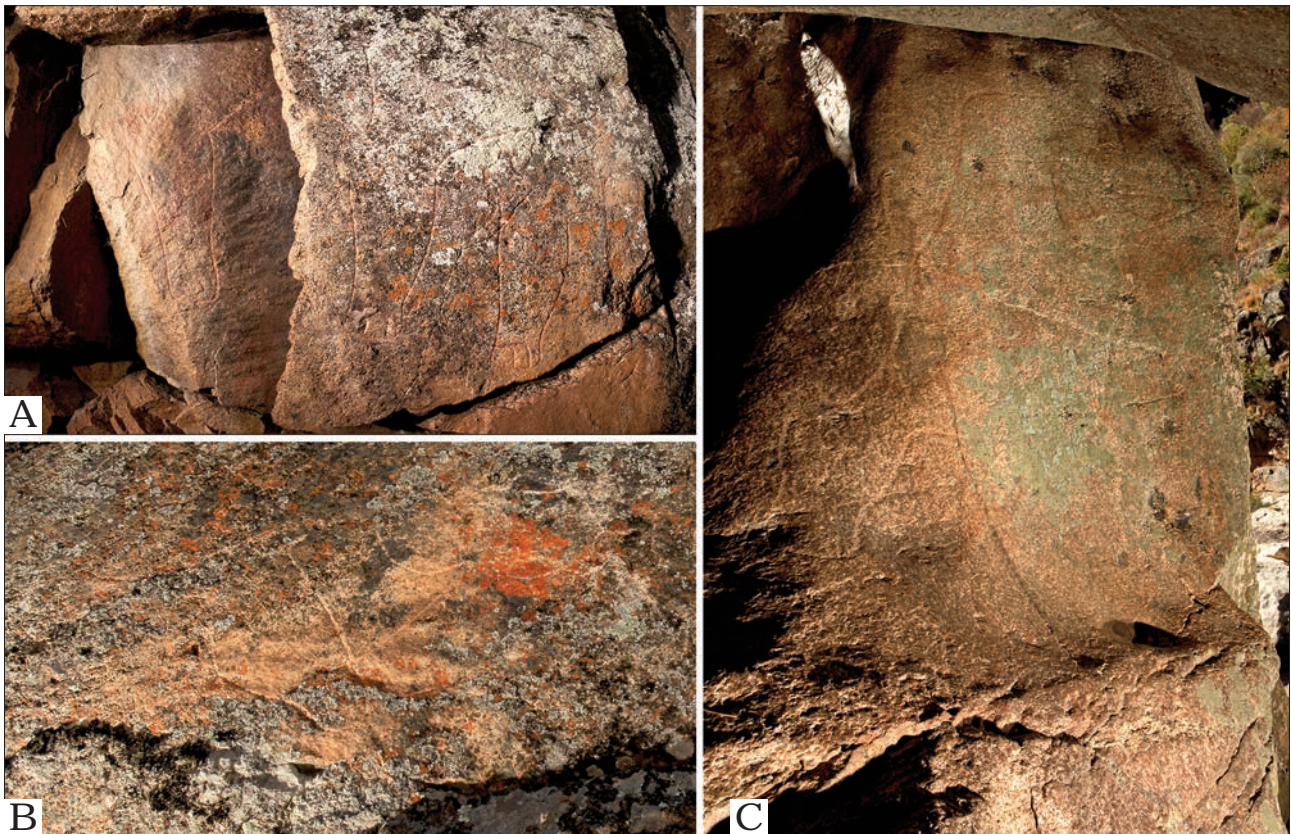


das figuras na região, sugere talvez mais fortemente a primeira hipótese, isto é, de que pintura e gravura sejam coevas.

Também as composições figurativas merecem relevo nesta rocha: do lado esquerdo, e para além do único animal que aqui aparece completo, destacam-se duas cabeças enfrentadas e sobrepostas, com um cavalo à esquerda e um auroque à direita. Do lado direito do painel surge um friso bem alinhado de quatro cabeças de auroque, uma delas perfeitamente salvaguardada no interior de um pequeno nicho da rocha, todas colocadas como que saindo do interior da superfície, com os traços do arranque corporal a iniciarem-se em linhas de fractura natural.

Estilisticamente, o ponto de união entre as duas composições figurativas da rocha 6 encontra-se nas representações de auroques: a cabeça de auroque enfrentada à cabeça de cavalo na composição esquerda tem evidentes semelhanças com as cabeças de auroque no friso da direita. E, no todo, é provável que o conjunto de figuras paleolíticas da Faia (incluindo na nova rocha) tenham uma diacronia relativamente curta, pertencendo aos momentos finais da fase mais antiga da arte paleolítica do Côa (ver SANTOS, LUFs e AUBRY, 2019), situando-se algures entre o Gravettense Final e o Magdalenense Antigo.

FIG. 4 – Algumas figuras paleolíticas das rochas 6 e 7.
 A. Friso de cabeças de auroque na rocha 6;
 B. Cabeças enfrentadas de cavalo e auroque na rocha 6;
 C. Cerva na rocha 7.



3. A NOVA ROCHA PALEOLÍTICA DA FAIA

O achado da rocha 19 da Faia não vem romper com este quadro. Com alguma originalidade própria, insere-se harmoniosamente no conjunto da arte paleolítica da Faia. Encontra-se poucos metros à frente do painel decorado da rocha 6, a uma cota ligeiramente inferior. Esta pequena diferença revela-se importante no tocante às actuais características do seu painel decorado e ao estado de conservação da figura gravada. O painel está fortemente polido pelas águas, nomeadamente na metade inferior onde se encontra a figura gravada, a qual se apresenta com o traço fortemente desgastado e sendo hoje dificilmente visível, a não ser com luz rasante. Neste aspecto, contrasta fortemente com o painel e as figuras da rocha 6, imediatamente acima, que não apresentam sinais de desgaste pela acção das águas. Ou seja, a rocha 19 encontra-se no limiar do alcance regular das águas do Côa em altura de cheias, as quais já não atingem a rocha 6. Essa posição liminar é também perceptível no próprio painel, nomeadamente na clara diferença entre a metade inferior, que evidencia forte desgaste de origem hídrica, e a metade superior, em que a superfície rugosa e a presença abundante de líquenes (em tudo semelhante à superfície decorada da rocha 6) evidenciam o contrário.

A única figura gravada, um cavalo, encontra-se no canto inferior direito do painel. De forma consistente com as restantes figuras paleolíticas do sítio, tem uma dimensão apreciavelmente grande, com aproximadamente 1,15 m de comprimento. Orientado para a direita,



FIG. 5 – Aspecto da superfície decorada da rocha 19. O cavalo gravado encontra-se na zona inferior direita do painel.

aparentemente, encontra-se incompleto, embora o elevado grau de desgaste da figura obrigue a alguma prudência nesta interpretação, sendo também importante levar a cabo uma observação mais minuciosa da figura, que não tivemos ocasião de fazer, para confirmar ou desmentir algumas ideias que nos ficaram desta primeira observação. Por exemplo, é perfeitamente evidente que o traço inferior da queixada foi efectivamente gravado, mas já é menos claro se o resto da cabeça, que é bem perceptível no seu todo, não poderá corresponder, ao menos em parte, a fissuras naturais da rocha. Também não é perceptível nenhuma linha gravada onde deveria estar o peito e a sequência para a pata dianteira. Mas aqui destaca-se um estreito e linear veio de quartzo que se encontra precisamente no correcto lugar anatómico, sendo legítimo pensar que tenha havido aproveitamento deste elemento natural da superfície para complementar a figura.

A parte mais notória e efectivamente gravada da figura é a sua longa e recurvada linha de dorso, que na dianteira faz uma acentuada linha de pescoço e crina, com sequência suave para a cabeça. Do lado oposto, tem continuidade para a pata traseira, esta já muito desgastada e de mais difícil percepção. Poderá ter cauda, cujo início se parece notar na transição entre o dorso e a pata, mas, se existir, será a parte da figura mais fortemente deteriorada pela acção erosiva das águas.

Estilisticamente, o dorso e crina alta da figura fazem recordar, por exemplo, o conhecido cavalo de Mazouco, uma das primeiras figuras paleolíticas de ar livre identificada na Europa (ver BAPTISTA, 2009:

194-195). Dentro do Côa, pode paralelizar-se com várias figuras, de que as mais conhecidas serão talvez os dois cavalos da rocha 1 da Ribeira de Piscos (BAPTISTA, 1999: 120-121). Pode-se sugerir uma cronologia Solutrense para esta figura, que assim andará perto das cronologias sugeridas para as restantes figuras na Faia.

Para terminar, uma palavra sobre o suporte escolhido para colocar esta rocha. O painel da rocha 19 tem a forma aproximada de um quadrado, com menos de 2,5 m de lado. Não sendo propriamente pequeno para os padrões regionais, também não é grande, e passa muito facilmente despercebido no contexto paisagístico monumental em que se insere. O cavalo gravado, para além do intenso desgaste que não ajuda à sua percepção visual, foi colocado na zona mais inferior do painel, onde se oculta facilmente por vegetação ou por alguns dos blocos rochosos imediatamente à sua frente (os quais, ao contrário do afloramento *in situ* da rocha 19, são blocos tombados, que poderiam ou não já estar lá na altura da decoração desta rocha). Assim, esta é uma rocha algo diferente das suas vizinhas rochas 6 e 7, que se destacam no entorno pelas suas características intrínsecas. Pelo contrário, a rocha 19 e a sua figura diluem-se quase por inteiro na paisagem monumental. E é este talvez o principal factor diferenciador deste sítio e do seu conjunto de rochas decoradas, um ambiente geomorfológico de grande monumentalidade e de absoluta singularidade no panorama da arte paleolítica mundial. 𐀀



FIG. 6 – O cavalo paleolítico da rocha 19.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Lara Bacelar (2020) – “LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa”. *Kairós*. Coimbra. 5: 4-19. Disponível em <https://bit.ly/3JfGN03>.
- ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário e CARVALHO, Bárbara (2014) – “ART-FACTS: uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa”. *Cóavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 16: 101-106. Disponível em <https://bit.ly/3pfYqNx>.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André e SILVESTRE, Marcelo (2020a) – “Vallée du Côa. Des gravures Paléolithiques enfouies sous des niveaux archéologiques”. *Archéologia*. Dijon. 587: 14-15.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André e SILVESTRE, Marcelo (2020b) – “Into the Daylight”. *Current World Archaeology*. London. 101: 10-11.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André e SILVESTRE, Marcelo (2020c) – “Fariseu, 20 Anos Depois: novidades da arte paleolítica do Côa”. *Al-Madan Online*. Almada. 23 (2): 15-27. Disponível em <https://bit.ly/3k5bAKd>.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André e SILVESTRE, Marcelo (2020d) – “Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal)”. *Comptes Rendus Palevol*. Paris. 19 (7): 117-135.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André e SILVESTRE, Marcelo (2021) – “Descoberta de Duas Novas Rochas no Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa (Castelo Melhor/Almendra, Vila Nova de Foz Côa)”. In *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 347-370.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa / Centro Nacional de Arte Rupestre.
- BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O paradigma perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de ar livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento / Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- REIS, Mário (2012) – “«Mil Rochas e Tal...»: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa”. *Portugalia*. Porto. 33: 5-72. Disponível em <https://bit.ly/3phnxQ2>.
- REIS, Mário (2014) – “«Mil Rochas e Tal...»: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (Conclusão)”. *Portugalia*. Porto. 35: 17-59. Disponível em <https://bit.ly/3HhA2Bl>.
- REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha e CARVALHO, Bárbara (2017) – “ART-FACTS: os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa”. *Techné*. Tomar. 3 (1): 97-111. Disponível em <https://bit.ly/33RrxOZ>.
- SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís e AUBRY, Thierry (2019) – “Arte da Sombra: a rocha 7 da Faia (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal), um exemplo de arte Paleolítica sob abrigo no Vale do Côa”. *Conímbriga*. Coimbra. 63: 5-45.

[todas as ligações à internet apresentadas estavam ativas em 2021-12-10]